

# CRASE

Ano 1 - 7ª Edição- Fevereiro - 2011

#7

Fevereiro - 2011

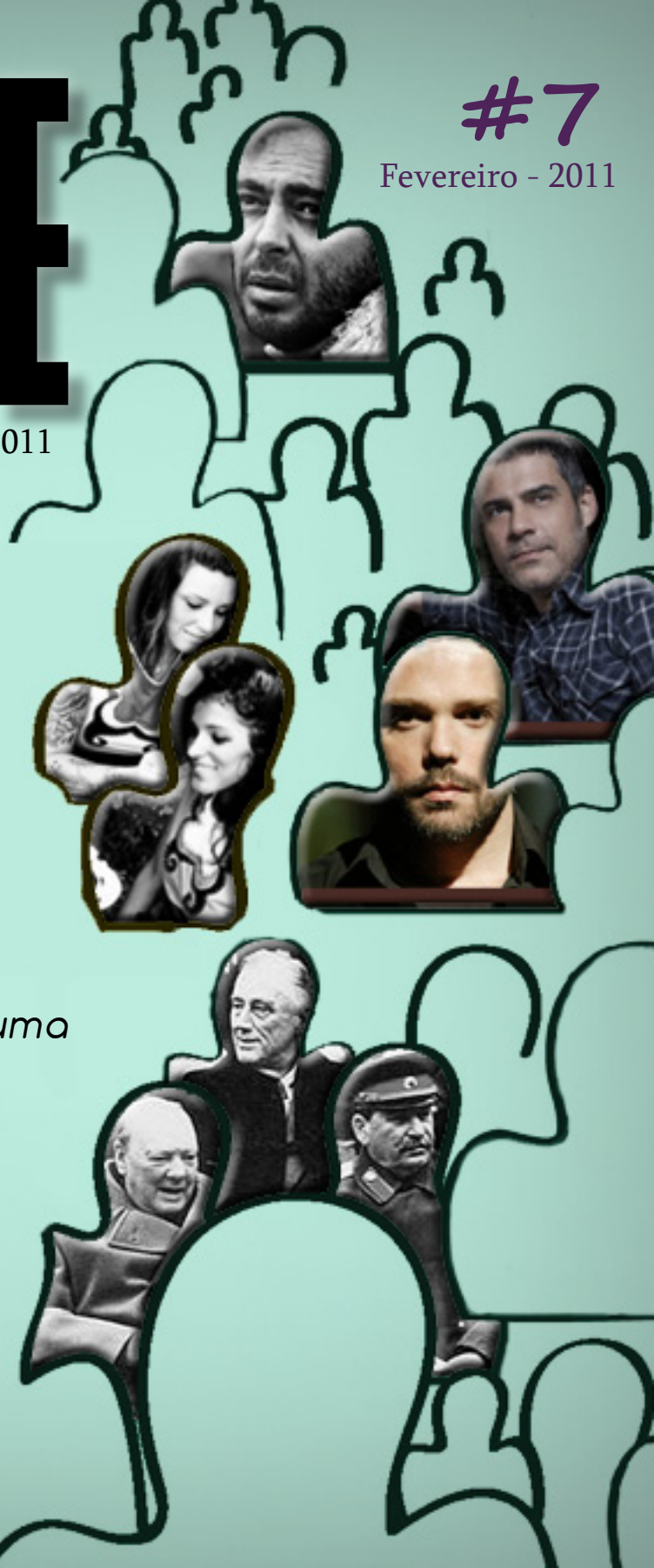
## Amizade em Gênero Resgatado

*A genialidade de  
Möeller e Botelho.*

### O CINEMA NOVO

*O nascimento de toda uma  
geração de cineastas.*

Elas querem uma  
Moda **SUSTENTÁVEL**  
*Roupas "verdes" sem  
perder o estilo.*



Contato. Encontros para uma vi

[www.contatonucleo.com.br](http://www.contatonucleo.com.br)

da melhor.

**CONTATO**

Núcleo de Estudos e Aplicação da Gestalt-Terapia

# índice

p. 08 **Editorial**

p. 10 Livros a **quatro** mãos  
*Seriam quatro mãos melhores que duas?*

p. 16 Elas querem uma Moda **SUSTENTÁVEL**  
*Roupas “verdes” sem perder o estilo.*

p. 22 **Amizade em Gênero Resgatado**  
*A genialidade de Möeller e Botelho.*

p. 34 **O CINEMA NOVO**  
*A transformação do cinema brasileiro.*

- p. 40 **Os Três Gigantes**  
*Salvação e perdição numa só aliança.*
- p. 44 **Antes só do que mal acompanhado**  
*Egos inflados e alianças quebradas.*
- p. 50 **Relações Políticas. É amor ou amizade?**  
*Como o casamento pode ser comparado à vida em sociedade.*
- p. 56 **CRASE Nando Mello**  
CONVIDA  
*O músico Nando Mello conta como e quais fatores influenciam e influenciaram a formação da banda Hangar.*
- p. 62 **AGENDA CULTURAL**

# REVISTA CRASE

## DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza e Rafael Farah

Diretor de Criação: Dans Souza

Diretor de Redação: Rafael Farah

## REVISTA CRASE

Redatores: Cadu Senra, Clarissa Affonseca,  
Emílio Farah, Tiago Garcia, Vinícius Baião

Colunista: Cadu Senra, Leandro  
Bertholini, Rafael Farah

Revisor: Ramon Lourenço

Produção: Yves Araujo

## ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Nicolas Dani

Assistente: Clarissa Affonseca

## FOTOGRAFIA

Editor-Responsável: Diego Val

## INTERNET

Desenvolvedor: Makerz





# Editorial

**P**or vivermos em uma sociedade, relacionamentos - quaisquer que sejam - são inevitáveis e necessários para o convívio, sejam eles profissionais ou pessoais. Não é preciso um certificado científico ou fé inflexível para atestar que uma corrente só é tão forte por ter inúmeros elos presos uns aos outros. É o velho ditado: “a união faz a força”.

Alguém bastante inteligente um dia falou que ninguém chega a lugar algum sozinho, que o sucesso depende em grande parte de relações inter-pessoais e, neste contexto, da junção dos esforços de indivíduos diferentes. Um exemplo perfeito disso é o trabalho maravilhoso feito pela redação da Revista CRASE. Então, nesta edição, trazemos ideais e indivíduos que fizeram a diferença unindo-se para atingir um objetivo. Dos planejamentos e acordos táticos dos três gigantes da Segunda Guerra à brilhante junção de talentos que formou o Cinema Novo brasileiro, de Beatles à moda verde da Irmãs Green, a segurança, complexidade, paixão e, sucesso (ou mesmo fracasso), fazem destes, relacionamentos que fizeram a diferença.



Neste mês apresentamos também o mais novo editorial, que não pode faltar em nenhum veículo que se auto-entitule “cultural”: o teatro. Leandro Bertholini traz à tona a mistura fenomenal de genialidade e talento da dupla Charles Möeller e Claudio Botelho, que transformaram o cenário musical e teatral carioca com produções como “Hair” e “A Ópera do Malandro”, do grande Chico Buarque.

A correria do dia a dia, situações complicadas e a vontade de “subir” na vida, muitas vezes turvam o julgamento das pessoas, mas se existissem verdades absolutas – e ao risco de repetição -, a dependência de relacionamentos saudáveis para o sucesso provavelmente seria uma delas..

Rafael Farah





# Livros a **quatro** mãos

Os sucessos escritos a quatro mãos.

por Vinícius Baião

A publicação de livros em parceria é uma constante presente nos mais diferentes segmentos e períodos literários. Da prosa à poesia, passando pela filosofia, pela dramaturgia e, até mesmo, por manifestos políticos, muitas foram as obras escritas a quatro mãos.

Certamente, a mais célebre delas é o

Manifesto Comunista, escrito no ano de 1948 por Karl Marx e Friedrich Engels. Considerada um dos tratados políticos de maior relevância da história mundial, a obra, que influenciou diretamente os destinos de inúmeras nações e de um número incalculável de pessoas ao redor do mundo, é a mais importante das quatro escritas pelos autores alemães. As outras são:

A Sagrada Família (1845), A Ideologia Alemã (1845 – 1846) e Artigo em Defesa da Polônia (1875).

Um caso inusitado de obra em dupla é a história que cerca E os Hipopótamos Foram Cozidos em Seus Tanques, de Jack Kerouac e William S. Burroughs, hoje considerados pais da prosa beat americana. Apesar de escrito em 1945, quando os autores ainda nem haviam sido publicados, o livro só foi editado em 2008, por conta do fato inspirador do enredo. E os Hipopótamos Foram Cozidos em Seus Tanques baseia-se num crime passional ocorrido de fato em Nova York, em 1944, às margens do rio Hudson – o assassi-

nato de David Kammerer pelo adolescente Lucien Carr, ambos amigos de Burroughs e Kerouac. Daí, a espera pela publicação. Só após a morte de Carr, o livro pôde vir à tona.

“Os Sete Novos não são sete, mas sim três...”

Histórias curiosas também acontecem por terras brasileiras. Em 2008, o coletivo poético “Os Sete Novos” lançou, pela editora, 7Letras o livro Amoramérica. Até aí, nada demais. Muitos são os grupos de poesia existentes na contemporaneidade. O que chama

atenção é o fato de “Os Sete Novos” ser composto por três integrantes. Isso mesmo! Na verdade, “Os Sete Novos” não são sete, mas sim três. Augusto de Guimaraens, um dos três, ou melhor, dos “sete”, diz que o nome é uma “ironia com essa “coisa” de movimento poético”. Mariano Marovatto, outro integrante, resume a origem do nome da seguinte maneira: “Sete é número cármico: sete são os dias da semana, sete são as cores do arco-íris, sete mares, sete dedos das mãos...”

“É preciso valorizar os que conseguem escrever em parceria...”

Mas sem dúvida, o livro em parceria de maior sucesso editorial em nosso país é Elite da Tropa (Editora Objetiva – 2006). A obra, que retrata o cotidiano do BOPE, teve sua venda alavancada pela repercussão do filme Tropa de Elite. O sucesso foi tanto que os autores, o antropólogo Luiz Eduardo Soares e os ex-policiais do batalhão André Batista e Rodrigo Pimentel, escreveram, quatro anos mais tarde, um segundo livro, Elite da Tropa 2, alcançando a mesma popularidade do anterior.

Poderíamos falar de muitos outros exemplos, como as tantas peças escritas por Marcos Caruso e Jandira Martins,

ou os livros que contêm cartas trocadas entre personalidades, como *Carlos & Mário* (Editora Bem te vi) – onde são expostas correspondências entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, ou ainda um dos campeões de venda do último ano: *Cartas entre amigos*, de Gabriel Chailita e Pe. Fábio de Melo.

Mas o que realmente vale destacar é que

é preciso valorizar os que conseguem escrever em parceria, pois é um jogo que requer humildade para aceitar intervenções e, ao mesmo, tempo persuasão para convencer o outro de suas idéias. O resultado pode ser bem proveitoso já que, com diz o provérbio popular, “duas cabeças pensam melhor do que uma”. Será que, para literatura, quatro mãos rendem mais que duas? ■



Os Sete Novos





## **Amoramérica (2008)**

**Autor:** Os Sete Novos

**Editora:** 7Letras

Amoramérica é um livro escrito a sete mãos. Os Sete Novos revisitam ícones do imaginário norte-americano (e brasileiro, e mundial): dos Kennedy a Heath Ledger, passando por Michael Jackson, Brandon Walsh e Darth Vader. Rocinha e o Posto 9 dialogam com Califórnia e Baywatch e o Superman encontra Macunaíma. O resultado é uma espécie de samba do yankee doido.



## **E os hipopótamos foram cozidos em seus tanques (2009)**

**Autor:** Jack Kerouac e

William S. Burroughs

**Editora:** Companhia das Letras

Baseia-se num crime passional ocorrido de fato em Nova York, em 1944, às margens do rio Hudson - o assassinato de David Kammerer pelo adolescente Lucien Carr, ambos amigos de Burroughs e Kerouac. Agora, com os implicados falecidos, o livro pôde finalmente vir à luz.





# Elas querem uma Moda **SUSTENTÁVEL**

por Clarissa Affonseca

A trajetória de duas irmãs que batalham, através da moda, por um mundo mais verde.



**P**odem passar anos e gerações, mas a história - trocando os personagens - será a mesma. Quando o assunto é relacionamento, especialmente entre irmãos, o que se percebe é que sempre existe uma disputa, mesmo que esteja disfarçada pelo sentimento fraterno. Porém, e felizmente, como sempre existem exceções, a narrativa de hoje é sobre a vida de duas irmãs que tem o mesmo propósito: mudar os valores do mundo através da moda.

Desde crianças, essas duas meninas se vêem rodeadas pelos

tecidos e roupas da loja de seus pais - pode-se presumir, então, que essa paixão que elas, hoje mulheres, têm pela moda se deva às lembranças dessa infância. No entanto, foi só depois de algum tempo, após as duas saírem de sua cidade natal para seguirem com a formação acadêmica e profissional, que as irmãs se juntaram com o intuito de delinear uma marca que fosse voltada para um público consciente, que prezasse pela sustentabilidade do nosso planeta. Desta ideia surgiu a Irmãs Green, marca brasileira de roupas que se utiliza de tecidos eco-

lógicos e de técnicas de produção que eliminam à menor quantidade possível de resíduos poluidores jogados na atmosfera e que, dessa forma, torna esse empreendimento um exemplo de responsabilidade social para os brasileiros.

“Não é qualquer empresário que prioriza uma postura correta...”

Porém, ainda é um grande desafio para muitos empresários da área têxtil colocar em prática projetos como este devido ao custo dos materiais orgânicos nacionais, que ainda são muito

caros em comparação aos importados. Assim sendo, o preço da produção aumenta e, conseqüentemente, o produto final se torna menos competitivo para o consumidor e, se tratando de dinheiro, não é qualquer empresário que prioriza uma postura correta em relação ao meio ambiente em detrimento de seus lucros.

De qualquer forma, mesmo com todos os obstáculos, as Irmãs Green trabalham buscando uma conscientização que é fundamental para fomentar o interesse por conhecimento em uma sociedade escassa de educação, de respeito e de valores morais como a nossa. No site da marca



existe uma janela exclusiva, onde os visitantes têm acesso a links de sites ligados às causas do meio ambiente e ainda podem colaborar divulgando mais endereços relacionados à proteção do planeta.

As pessoas sabem que, cada dia mais, o

mundo precisa de exemplos, como o dessas duas irmãs, que se uniram e perseveraram na busca pelo sonho, não americano, de um planeta, que não sobreviva, mas que viva para sempre, conservado do mesmo jeito em que os nossos avôs um dia o encontraram. ■





Uma revista pra quem faz a diferença.





**CRASE**

Teatro



Charles Möeller e  
Claudio Botelho

# Amizade em Gênero Resgatado

A genialidade de Möeller e Botelho.

por Leandro Bertholini

Uma pesquisa realizada em dezembro de 2010 pela Universidade de Manchester, na Inglaterra, concluiu que ter amigos e manter amizades representam fatores fundamentais para o desenvolvimento saudável do ser humano. O estudo revela que possuir amigos pode significar maior estabilidade, sensibilidade emocional e autoconfiança, três dos requisitos básicos para

se obter sucesso no meio artístico. À exemplo da premissa ressaltada na pesquisa, uma dupla vem colecionando sucessos teatrais há quase 20 anos: Charles Möeller e Claudio Botelho. Especialistas no gênero musical para o teatro, os artistas, por meio de uma forte amizade, vêm tornando possível o sonho de milhares de brasileiros de assistirem a espetáculos da Broadway em solo tupiniquim.



A amizade brotou na década de 90, quando ainda não eram efetivados como dupla Möeller e Botelho, trabalharam juntos em produções de peças como “Hello Gershwin” (1991) e “De Rosto Colado” (1993). Mas em 1997 que aconteceria a primeira parceria artística

“A excelência artística da montagem...”

com o espetáculo “As Malvadas”, um tributo ao repertório das comédias musicais que ia de George Gershwin a Roberto Carlos. A peça recebeu o

prêmio Sharp de melhor Musical de 1997 e consolidou uma amizade que, anos mais tarde, apresentaria uma lista de sucessos e uma relevante contribuição ao gênero teatral, país adentro.

Em 2000, o lançamento de “Cole Porter – Ele Nunca Disse que Me Amava” tornou-se um marco na carreira da dupla. O espetáculo apresentava a história do compositor americano pela ótica de seis mulheres. A excelência artística da montagem e as críticas unânimes em elogios renderam dez meses de lotação esgotada no Teatro Café Pequeno, na Zona Sul do Rio, e proporcionou mais dois anos em cartaz

entre Rio, São Paulo e Portugal. Em 2001, Claudio e Charles assinam a produção de “Company” de Stephen Sondheim e George Furth, que vieram ao Brasil especialmente para conferir a montagem. O sucesso do espetáculo garantiu a chancela da franquia para a dupla que anos mais tarde montaria o clássico da Broadway “Lado a Lado com Sondheim”

(2005), primeira montagem na América Latina e em língua portuguesa do clássico da Broadway “Side by Side by Sondheim”.

Depois vieram espetáculos como “Um Dia de Sol em Shangrilá” e “O Fantasma do Teatro”, “Suburbano Coração” e “Magdalena”, mas foi em 2003, que a dupla viveu o ápice de sua amizade artística com a remon-



O sucesso de Company

tagem do clássico de Chico Buarque “A Ópera do Malandro”. A peça tornou-se um estrondoso sucesso de público e crítica no Rio, São Paulo e Portugal, e também o mais caro e mais trabalhoso até então trazido ao público pela dupla. “Ópera do Malandro” contou com 20 atores em cena, 12 músicos que tocavam ao vivo, três palcos giratórios montados em um cenário de três andares, reproduzindo os Arcos da Lapa, com 75 figurinos que eram trocados pelos atores em tempo recorde.

A partir daí, Möeller e Botelho credenciam os seus passaportes para as superproduções elevando o padrão dos espe-

táculos musicais brasileiros a cifras milionárias. A credibilidade no potencial artístico de ambos abriu as portas do Brasil à Broadway com espetáculos como “Sweet Charity, inspirado no filme de Federico Fellini, “Noites de Cabíria” (1964), “A Noviça Rebelde”, de Rodgers e Hammerstein e “Despertar da Primavera”, baseado na obra do alemão Frank Wedekind, escrito em 1891.

A dupla ainda se lançou no desafio de criar o seu primeiro espetáculo autoral com músicas escritas pelo cantor e compositor Ed Motta. “7 – O Musical”, totalmente inédito, reuniu elementos de conhecidas histórias dos irmãos Grimm,



Cena do espetáculo  
Sete - O Musical



sob o olhar de Möeller e Botelho. O espetáculo foi um dos grandes vencedores do Prêmio Shell de 2007, levando três dos seis prêmios a que concorria: direção (Charles Möeller), figurino (Rita Murtinho) e iluminação (Paulo Cesar Medeiros).

Em 2008, a adaptação de “Beatles num Céu de Diamantes” arrastou multidões ao Espaço Sesc, em Copacabana, fazendo

um passeio pela obra do quarteto de Liverpool. Sucessos como “Lucy in the Sky with Diamonds”, “Yesterday”, “Hey Jude”, “Let it Be” e “Strawberry Fields Forever”, além de canções menos conhecidas, compõem o repertório do espetáculo. A encenação apresentou poucos recursos cênicos, como guarda-chuvas, malas, giz, bolhas de sabão, papel picado e cadeiras, no entanto, o suficiente



Beatles num Céu de  
Diamantes

para encantar platéias e receber um convite para uma apresentação na Maison de la Danse, em Lyon, no maior festival de teatro da França.

## Fenômeno teatral ganha versão brasileira

Em 2010, a dupla mais consagrada da história dos musicais brasileiros traz um aperitivo teatral de peso: a remontagem do musical “Hair”. Um mito para gerações das décadas de 60 e 70, o espetáculo tornou-se uma das principais referências do movimento cultural e comportamental e está de volta em cartaz no Teatro Oi Casa Grande, na Zona Sul do Rio. Em plena Guerra do Vietnã,

o mundo experimentava as dores e as delícias da época como a descoberta de drogas, o amor livre,

“Se indignava com os horrores da segregação racial...”

o rock psicodélico, a filosofia oriental e o estilo de vida dos hippies. Por outro lado, assistia ao primeiro conflito internacional televisionado e se indignava com os horrores da segregação racial e sexual. Neste verdadeiro caldeirão de acontecimentos, “Hair” estreava em um pequeno teatro off-Broadway, em 1967. Não precisou de muito tempo para se

tornar um fenômeno, migrar para o circuito principal e se propagar em dezenas de montagens ao redor do planeta. No Brasil, é pelas mãos de Möeller e Botelho que o público poderá conferir o espetáculo que segue em cartaz sem data de encerramento, já que está lotando os quase mil lugares disponíveis na casa de espetáculos do Leblon.

“...o manifesto de toda uma geração...”

Para Botelho, a música é um dos fatores determinantes para

empatia do espetáculo com a platéia. “A comunicação imediata é garantida pela mistura do Rock, a principal voz do jovem na época, com diversas sonoridades como a música negra, que ainda não era divulgada para as massas, mantras orientais, letras psicodélicas e a influência da música tribal. Os autores deste espetáculo não fizeram um musical, mas o manifesto de toda uma geração. Canções como “Age of Aquarius” viraram hinos até hoje”, explica Botelho.

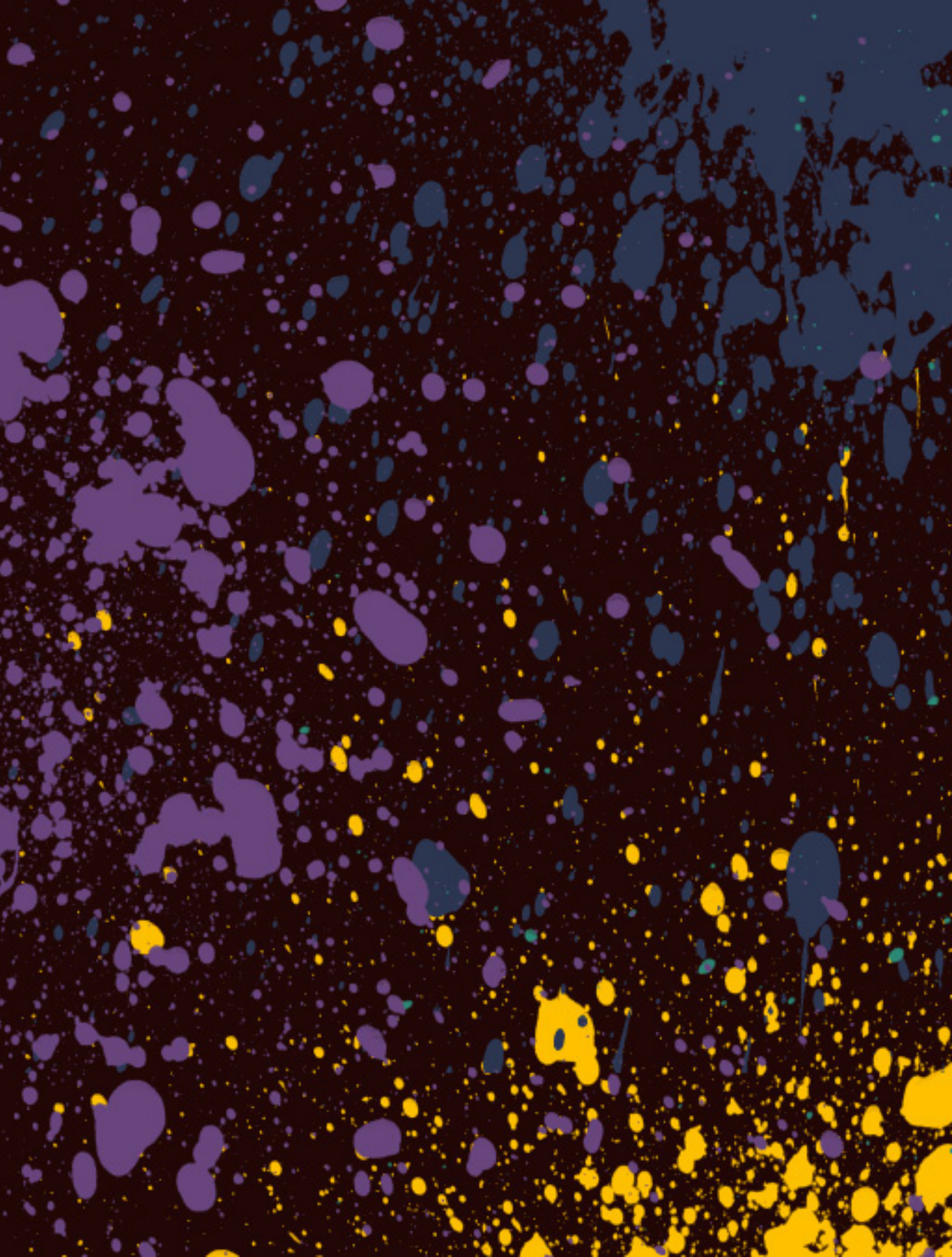
Depois de quase 20 anos do primeiro espetáculo a amizade de Möeller e Botelho resultou

no maior resgate de um gênero teatral esquecido. Desde o tempo do Teatro de Revista não se ouve falar da vertente musical com tanta ênfase e excelência artística conquistada ao longo de muito sangue, suor e lágrimas. A dedicação e o amor à “plástica cênica” por meio

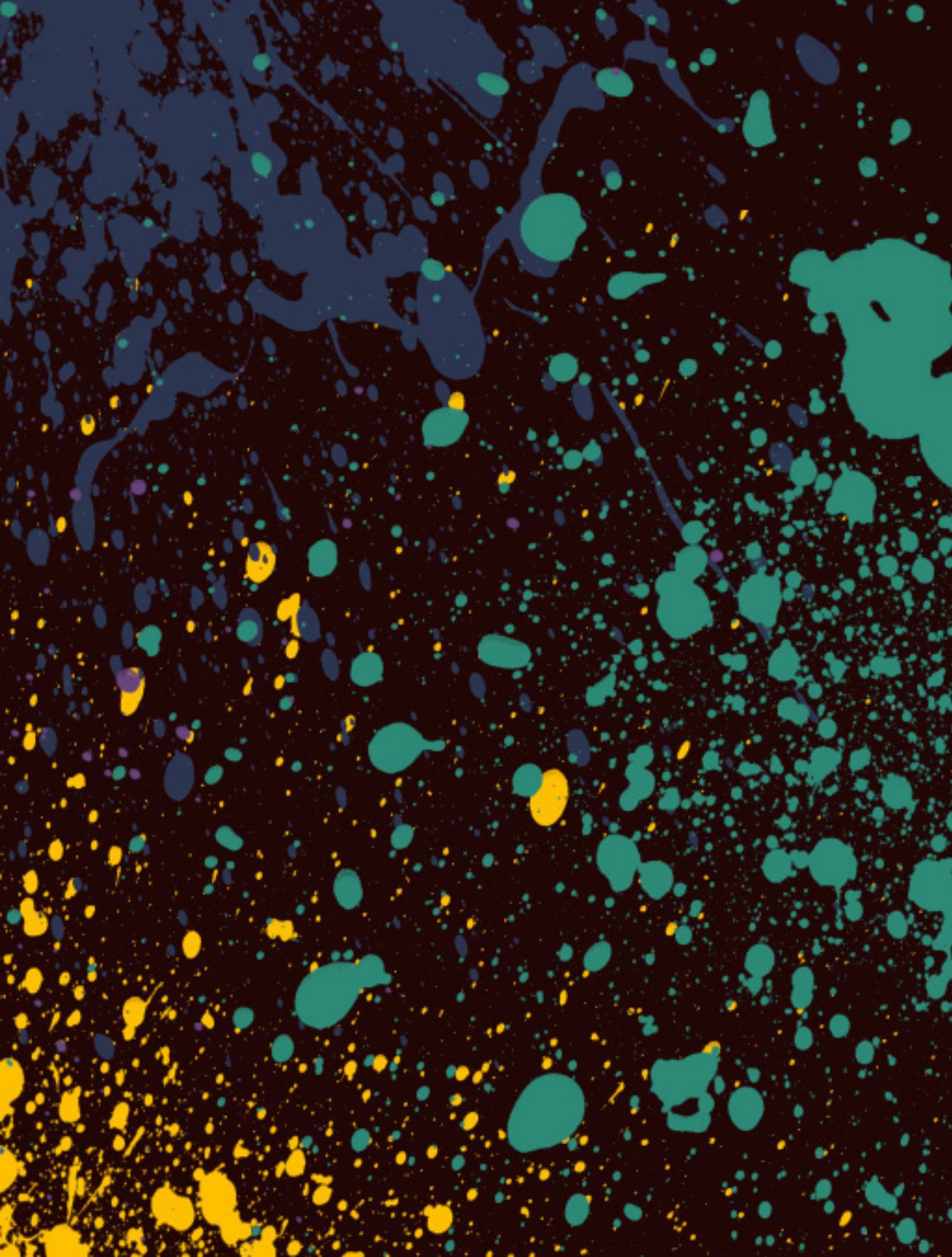
de uma sólida amizade credencia a dupla como os maiores contribuintes do gênero na última década. A mudança na história do fazer teatral conquista para os próximos anos a tão sonhada estabilidade artística e a admiração especial dos deuses do teatro. Evoé Baco! ■













# O CINEMA NOVO

O nascimento de toda uma geração de cineastas.

por Tiago Garcia

“O cinema novo ficou com a utopia brasileira. Se ela é irregular, suja, confusa e caótica, é também bonita, desarmônica, iluminante, revolucionária”. Essas palavras de Glauber Rocha expressam bem o que ele e outros jovens no fim da década

de 1950 buscavam: uma forma inovadora de fazer cinema. Tudo começa em 1952 com o I Congresso Paulista de Cinema Brasileiro e o I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro. Ali foram discutidas novas ideias para a produção de filmes nacionais e uma nova temá-

tica começa a ser abordada. Em 1960, depois das primeiras exposições dos curtas-metragens *Arraial do Cabo* (1959), de Paulo Cesar Saraceni e Mário Carneiro, e *Aruanda* (1960), de Linduarte Noronha e Rucker Vieira, o então jornalista Glauber Rocha escreveu para o Suplemento Literário do *Jornal do Brasil* saudando o nascimento de uma nova geração de cineastas.

A partir de então, grupos foram se formando e o núcleo mais popular do cinema novo era composto por: Glauber, Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro de Andrade, Cacá Diegues, Paulo Cesar Saraceni, Leon Hirszman, David

Neves, Ruy Guerra e Luiz Carlos Barreto. Jovens de lugares distintos do país, com diferentes formações, mas com um único objetivo: um cinema que tomasse as ruas e fosse ao encontro da sociedade brasileira, incorporando novas formas de linguagem e renovando as questões estéticas e culturais do Brasil.

“... ganhadores de prêmios no exterior...”

No Rio de Janeiro, alguns jovens ligados ao Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE decidem fazer um filme que



mostre o Cinema Novo na cidade. O resultado foi Cinco Vezes Favela (1962), um filme em cinco episódios dirigidos por Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman, Carlos Diegues, Miguel Borges e Marcos Farias. Em seguida surgiram novos longas como Vidas Secas (1963), de Nelson Pereira dos Santos e Ganga Zumba (1963), de Carlos Diegues, todos ganhadores de prêmios no exterior. Mas foi no Festival de Cannes de 1964 que o movimento ganha uma projeção maior: Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964), de Glauber Rocha, e Vidas Secas ganharam notoriedade por parte da imprensa européia e - mesmo sem adquirir prêmios oficiais - trans-



formaram-se na sensação do festival. Relatando a repercussão das películas, os jornais brasileiros saudaram o filme de Glauber como o ápice do cinema brasileiro. A sociedade brasileira começava a discutir o Cinema Novo.

Anos depois, censurado pela ditadura, o filme Terra em Transe (1967), de Glauber Rocha, é exibido e premiado em Cannes. Extremamente

dinâmico e com proposta inovadora, chocou conservadores através das experiências políticas dos países latino-americanos, entre as oligarquias ancestrais, as grandes empresas imperialistas, o populismo e a mistificação política. Com a repressão da ditadura, falar de política e da sociedade exigia cautela, e os temas dos filmes eram progressivamente mais cifrados, criando narrativas metafóricas. A repressão deu fim ao movimento e alguns dos seus cineastas tive-

ram que se exilar, além de a maior parte das produções terem sido fracassos comerciais. Os diretores procuraram se adaptar às novas circunstâncias, mantendo-se fiéis a um grande público. Continuam fazendo filmes, separados, cada um por si: a união desaparece. Porém, os temas e o desejo de criar uma nova visão do Brasil e do mundo continuam até hoje, fazendo-nos perceber com Glauber que “a arte não é só talento, mas acima de tudo coragem”. ■



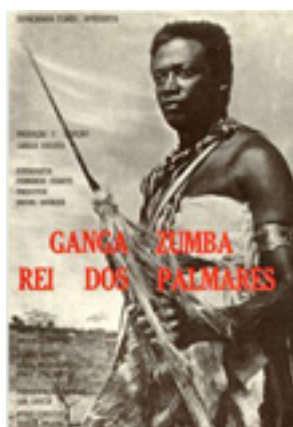
Glauber Rocha



## Terra em Transe

(Brasil, 1967)

Num país fictício chamado Eldorado, o jornalista e poeta Paulo (Jardel Filho) oscila entre diversas forças políticas em luta pelo poder. Porfírio Diaz (Paulo Autran) é um líder de direita, político paternalista da capital litorânea de Eldorado. Grande clássico do Cinema Novo, o filme faz duras críticas à ditadura.

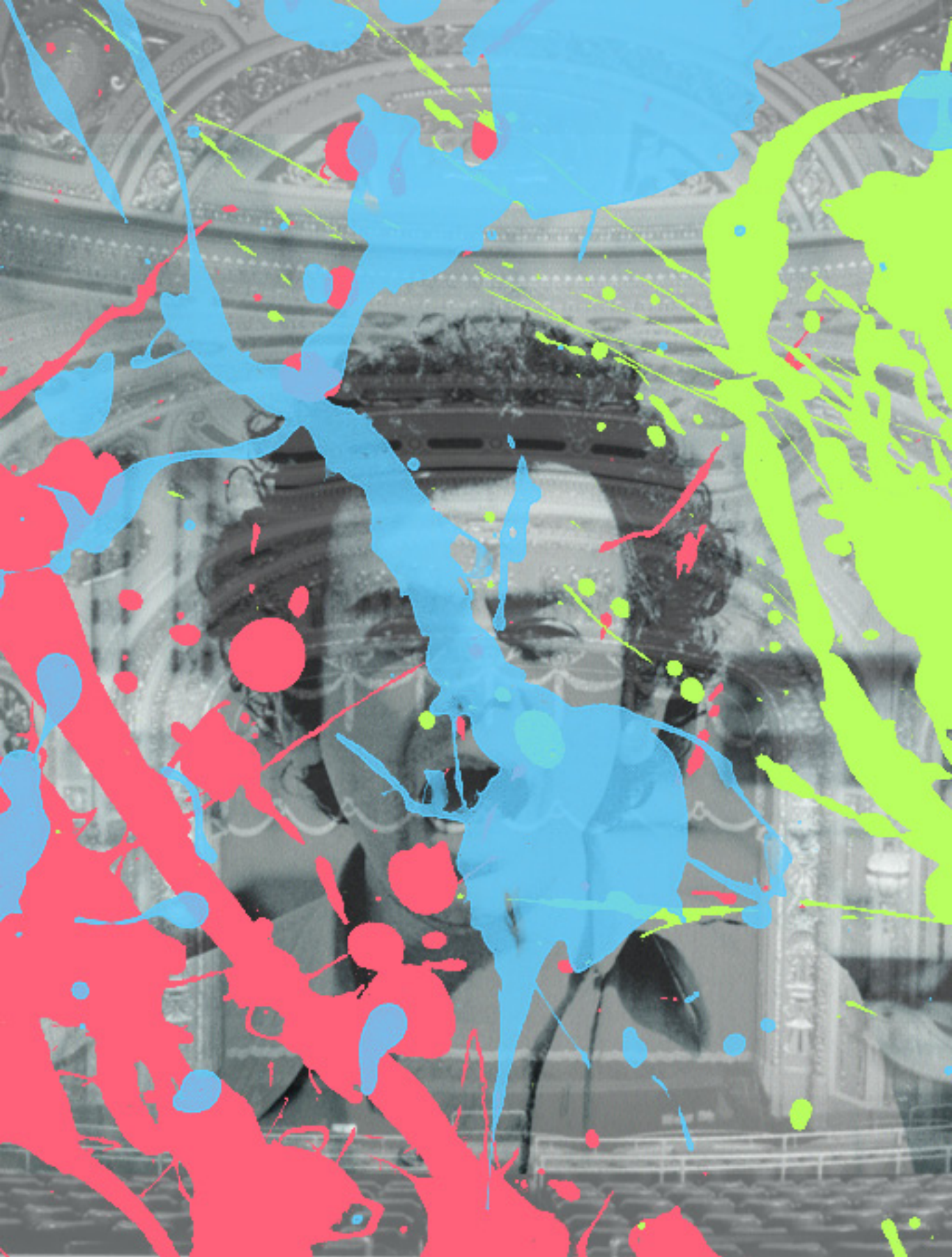


## Ganga Zumba

(Brasil, 1967)

No início do século XVI, alguns negros fugiram dos senhores portugueses e fundaram aldeias, como o Quilombo de Palmares, o mais famoso. Ganga Zumba, neto do rei dos Palmares, Zumbi, nasceu na senzala e vai tomando contato com a história de suas lutas e problemas.









# Os Três Gigantes

A força avassaladora de três grandes líderes mundiais e o resultado do seu uso indiscriminado.

por Rafael Farah

**E**m inúmeros momentos da história do mundo - assim como da história de cada indivíduo - mostra-se claramente a diferença que faz a união, seja para unir forças, conhecimento ou

simplesmente mudar o mundo - tarefa hercúlea adotada por seus anfitriões. Há mais de seis décadas, o mundo esteve à beira de uma mudança radical. Adolf Hitler ameaçou o mundo todo com

suas teses racistas e anti-semitas, levando as superpotências mundiais ao maior conflito do século XX: a Segunda Guerra Mundial.

A coligação nazista conhecida como Eixo (Alemanha, Japão e Itália) foi sobrepujada pela aliança política auto-denominada de Aliados. Os Aliados eram compostos da mais heterogênea, e talvez estranha, junção de forças já vistas anteriormente; Josef Stálin, da União Soviética (URSS) – que anos depois seria um dos pivôs da Guerra Fria -, Franklin Delano Roosevelt, dos Estados Unidos da América (EUA) e Winston Churchill, do Reino Unido (RU). Potên-

cias capitalistas e socialistas, antagônicos por definição, deixavam suas diferenças de lado para unir forças e acabar com o império do que só pode ser considerado um dos maiores monstros da história mundial.

“... fiasco da utilização do Projeto Manhattan”

Essa aliança dos três gigantes foi marcada por inúmeros acordos com diferentes metas, seguidos do fiasco da utilização do Projeto Manhattan, que resultou na morte de mais de 250 mil japo-

neses civis, os desastres de Hiroshima e Nagasaki.

“Abriga também aquelas que mais promovem violência...”

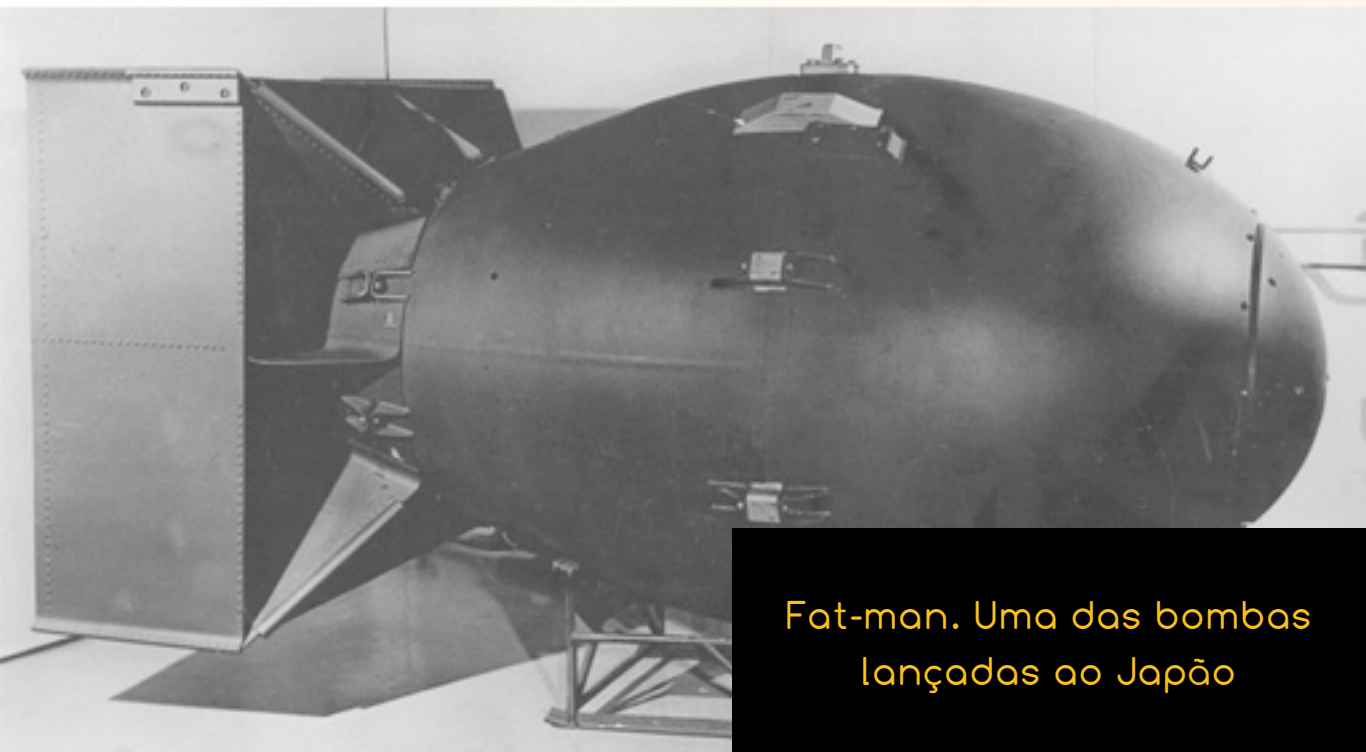
Harry Truman, o homem que autorizou o uso das bombas viria a ser, no ano seguinte, presidente dos EUA. Em 1945 - é a partir daí que os verdadeiros interesses começaram a aparecer - foi estabelecida a partilha da Europa, como em um jogo de tabuleiro. Foi criada também a Organização das Nações Unidas

(ONU), para evitar conflitos futuros entre as nações e facilitar eventuais necessidades de ajuda financeira ou social. Vale também apontar que três dos cinco membros permanentes da organização são os maiores fabricantes de armas do mundo. Irônico, não? A organização que mais prega a paz entre nações abriga também aquelas que mais promovem a violência.

Esse pode ser considerado um dos maiores exemplos de que “a união faz a força”. Especificamente neste caso, a força bélica. Infelizmente, o mesmo não significa exatamente o bem inte-

gral. Quando essa união trouxe uma paz aparente e a queda de um genocida, ao mesmo tempo criou ferramentas para que as potências mundiais continuassem a exercer uma “política autoritária por debaixo dos panos”, usando organizações como a ONU como colete à prova de balas. A queda do terceiro Reich, o mani-

aco, não evitou a morte de mais de 300 mil seres humanos – além de envenenar futuras gerações –, entre culpados e inocentes, pelas mãos dos ditos Aliados ao lançarem não uma, mas duas bombas nucleares em um país que não mais representava perigo, se é que um dia fora realmente uma ameaça. ■



Fat-man. Uma das bombas lançadas ao Japão



# Antes só do que mal acompanhado

...Pois na música, o inimigo mora ao lado.

por Cadu Senra

Uma coisa que aprendemos ao longo da vida é que sozinho, não somos capazes de realizar quase nada. Se esse não fosse o caso, muito provavelmente, a sociedade como a conhecemos não existiria. O multi-funcionalismo é, no momento, o dom mais almejado pela raça humana, exatamente por

ser ele o responsável pela auto-suficiência. A facilidade da computação foi sem dúvida um empurrão nessa direção, mas ainda assim, realizar algo, seja o que for, sem contar com a assistência de alguém é muito complicado.

Justamente devido a essa dificuldade nos vemos obrigados a nos

agrupar, pois se você sabe onde pescar, sem dúvida o seu vizinho sabe onde vender o peixe. A problemática da questão entra na hora de se delegar tarefas. Para tudo se tem um líder e, graças às diferentes personalidades, muitos se comprazem em receber ordens e executá-las, porém, o mesmo não se aplica a outros.

Se reduzirmos essa teoria ao universo dos grupos musicais, essa relação se torna ainda mais complicada. Muitas foram as parcerias que encantaram a todos com suas genialidades e seus dons natos para compor sucessos. Lennon e McCartney, Page e Plant, Roberto e Erasmo, Axl e Slash. Muitos

são os casos de amor e ódio que foram do céu ao inferno por causa de seus temperamentos tempestivos e egos inflamados.

“...Tornou-se a maior vilã da história da música.”

Dos citados, John e Paul foram além: Protagonizaram um dos mais estranhos triângulos que a música contemporânea já viu. Quando os dois inseparáveis Beatles conheceram a monocromática artista plástica de NY, algo irreparável aconteceu. Aparentemente, Yoko queria ser Paul, e este, de certa forma,

invejava a japonesa pela influência que ela exercia sobre o companheiro.

Com o pouco de bom senso que restava a Yoko, ela percebeu que ser McCartney não seria possível, portanto concebeu um plano muito maior; convencer Lennon de que ele deveria receber mais atenção do que todos os outros. Com isso, ela destruiu o equilíbrio que havia entre os meninos de Liverpool e tornou-se a maior vilã da história da música.

Hoje em dia, sabe-se medir bem o tamanho do ego de um astro, o que facilita o entendimento de outros casos não tão extremos como o anterior. O caso de Saul Hudson,



Axl Rose e Slash

o Slash do antigo Guns N`Roses, que abrigou em sua casa o menino recém chegado da roça, Willian Axl Rose. Além de um teto, Slash foi responsável por dar uma razão à vida vazia do menino vindo de um lar destruído. Com a voz marcante do talentoso Axl, e a facilidade de Slash para compor riffs antológicos (como o de

Sweet Child O'Mine), em pouco tempo o GNR virou a banda mais badalada do planeta. No entanto, toda essa gentileza não foi recíproca, quando anos mais tarde, Axl demitiu a todos para ficar com a marca da banda só para ele.

Entretanto, existem aqueles que apesar de todos os contratemplos venceram a barreira do tempo e mantiveram-se unidas, aproveitando todo o potencial que possuíam. Esse grupo seletivo é formado por

bandas como o U2, Queen, Rolling Stones, e outras igualmente importantes.

É essencial saber que a maior razão que se tem para estudar qualquer história é que ao conhecermos os erros cometidos no passado, fica mais fácil não repeti-los. Que o legado de amor e ódio entre os gênios do passado sirvam de exemplo para a nova nata de músicos, para que estes não desperdicem seus talentos de novo, novamente, outra vez... ■



Yoko Ono, John Lennon  
e Paul McCartney





A banda mineira que já se chamou “Diesel” e só tinha composições em Inglês, aparece nesse cd completamente reformulada. Além das canções em português, o som de “Goodbye Alô” é mais acessível a qualquer tipo de ouvido do que os trabalhos anteriores da banda.

### Álbum destaque:

Goodbye Alô  
(Som livre - 2008)



### Carpark North

*Eletro/Rock*

### Álbum destaque:

All Things to All  
People (2005)

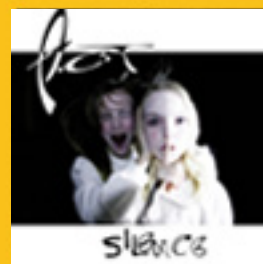


### A.C.T

*Rock Progressivo*

### Álbum destaque:

Silence (2006)









**Lula critica Obama por não conversar com Ahmadinejad**



# Relações Políticas. É amor ou amizade?

A relação homem-democracia.

por Emílio Farah

**T**odo começo é sempre difícil, e não importa do que, até mesmo das grandes obras. Pode-se dizer que existe uma relação inicialmente conflituosa que deu certo entre o autor e o primeiro parágrafo de um texto. Tem-se aí, talvez, um axioma, quase que matemático, a engessar a criatividade das mentes mais brilhantes. O certo é que, dentre as diversas relações apresentadas no cotidiano das pessoas, muitas podem

ser classificadas como negativas, algumas nos são indiferentes e aquelas poucas - mas especiais - são plenas, completas e essenciais à nossa continuidade e à manutenção da sociedade humana.

Até fica óbvio, imaginem a sociedade se mantendo somente com Garotinhos, Paulos Malufs, com todos os meios de informação sendo iguais às Vejas, aos Plim-Plins. Felizmente temos ou tivemos um Jefferson Peres, um



Pedro Simon, um Gabeira, uma Cidinha Campos (??), um Hélio Bicudo, um Evan-dro Lins e Silva, para nos mostrar que integridade e retidão não são figuras ficcionais ou folclóricas, temos a revista Crase, temos a TV Cultura de São Paulo, a MTV, e muitas mais, que trazem informação precisa e sem pré-julgamentos.

São exemplos positivos e negativos das nossas relações em sociedade, as quais, no que pesem os atores envolvidos, dão as exatas referências do nosso cotidiano.

Mas não se pense que os exemplos ficam só nisso. Buscando relembrar aquelas relações que marcam positivamente, surge a imagem do brasileiro e do futebol, não se pode imaginar interação mais completa.

Para quem conhece e já provou, nada como as sobremesas Romeu e Julieta ou a banana assada com açúcar e canela. O que dizer do chopinho no quiosque, em pleno verão,



vendo as Garotas de Ipanema passar, difícil existir relação mais perfeita e harmônica do que a Carioca e a cidade do Rio de Janeiro.

Ah! Chegamos, por fim, as relações políticas, que como todos sabem formaram-se de diversas maneiras, de todas restou nossa maltratada, desprezada democracia, a única que trata, pelo menos formalmente, os cidadãos igualmente, como disse Sir Winston Churchill: “A democracia é a pior forma de governo, exceto todas as outras que têm sido tentadas de tempos em tempos.”

Trazendo alguns conceitos mais dia-a-dia,

pode-se comparar a Democracia com o casamento, pois neles os participantes abrem mão de algumas de suas individualidades pela boa convivência, isto é, nosso direito termina onde o do outro começa, minha toalha de banho molhada não pode ficar no lado dela da cama, ou melhor, deve ficar pendurada no banheiro.

“...Temos uma essência gregária e somos sonhadores...”

Na democracia uma opinião é igual as outras, algumas são mais iguais, no casamento a opinião do homem e da mulher tem o mesmo peso,

desde que se aguenta discutir por mais de 2 horas, normalmente o homem entrega os pontos antes.

No casamento é importante saber ceder, para manter a relação e a união. Na democracia também cedemos para manter a harmonia social, sempre em prol do equilíbrio.

Somos seres sociais, temos uma essência gregária e somos sonhadores ao mesmo tempo. Assumimos com-

promissos, terminamos relações, começamos outras. Na realidade não é de nossa índole ficar satisfeitos. Portanto, mesmo uma relação que se mostra perfeita hoje, amanhã pode não sê-la. E que conclusão tirar disso? Basta lembrar-se que uma relação, boa ou ruim, sempre será melhor do que não se relacionar. Uma relação sempre se equilibra com o tempo, não necessariamente melhora ou piora. Assim, tente, experimente, faça diferente. ■









Nando Mello começou a tocar em 1989. Em 1998 atendendo a um anúncio de jornal feito pelo baterista Aquiles Priester, fez um teste para entrar na banda de heavy metal Hangar, onde foi efetivado em fevereiro de 1999 quando a banda estava em fase final de lançamento do seu primeiro cd chamado “Last Time”. O novo disco Infallible, leva o Hangar a uma nova etapa da carreira com uma crescente popularidade em todos os segmentos musicais conhecidos, inclusive com a participação do grupo Roupa Nova em uma das canções. Nando Mello é endorsee das marcas Maverick, Warm Music, Selenium, Loudvox, Ledur, D’Addario Strings, Planet Waves Cables, Zoom Effects, Takamine, Powerclick e Batera Store.

# O fator decisão em uma só atitude

Uma das perguntas mais frequentes que ouço quando estou viajando é como conseguimos manter uma banda onde os cinco integrantes moram em lugares tão distantes uns dos outros. Como é a nossa vivência, situações diárias, comportamentos etc. Habitando em três estados diferentes, é muito comum as pessoas estranharem o fato de nos mantermos por um período bastante longo.

Embora tenhamos formado o grupo na mesma cidade, ao longo dos anos, situações pontuais fizeram com que nos espalhássemos pelo país. Há cerca de dois anos, tivemos que alterar a formação do núcleo da banda com a saída de um dos membros. Lembro que uma das situações que levantamos para o perfil do novo integrante a ser escolhido era justamente que morasse o mais próximo possível da banda. Recebemos mais de 140 inscrições para o posto, mas quando chegamos perto do final da escolha, no momento da decisão tínhamos apenas dois nomes: um morador de São Paulo, capital, e outro morador de Manaus, Amazonas, chamado Humberto Sobrinho. Comecei a questionar o

porque de uma pessoa que mora tão distante ter interesse em trabalhar conosco e, ao olhar de fora para dentro, coloquei-me no seu lugar e percebi que aquilo que parecia ser uma fraqueza, um empecilho, era na realidade justamente o contrário. Todas as adversidades que poderiam surgir seriam pequenas pela imensa vontade de fazer o trabalho fluir, coisa que já estávamos a fazer por vários anos.

Quando questionado sobre o que pensava sobre nós, houve candidato que nem ao menos mencionou o trabalho e o esforço que os demais vivenciamos no decorrer da carreira. Humberto, diferentemente, me respondeu dizendo que foram a força de vontade e o foco que fizeram com que ficássemos unidos por mais de dez anos, e que o resultado de todo o nosso esforço era o que mais lhe chamava a atenção. Nada o impediria de participar, nem mesmo a enorme distancia. Hora, todo grupo de trabalho é composto por personalidades diferentes ou mais heterogêneo, a soma destas personalidades acaba compondo o foco do trabalho e pintando o quadro natural para quem enxerga a distância. Nosso novo colega de banda conseguiu enxergar e descrever com perfeição. Sem precisar pensar muito mais, logo decidi pela escolha do vocalista que morava mais longe, porém, o mesmo tinha me ensinado uma

importante lição que no decorrer do processo, às vezes passa em branco.

A relação interpessoal com seus colegas de trabalho e seu compromisso com respeito e amizade, refletem no seu trabalho pontual, seja ele um clipe, um disco ou uma música. Sem dúvida, olhar para o lado e visualizar o quanto o isso é importante, é um presente raro que recebemos. Hoje, Humberto é uma parte essencial do grupo. Na realidade ele sempre esteve ali, apenas tivemos que esperar alguns anos para sermos apresentados pessoalmente, coisas loucas que somente a estrada pode ensinar.

*Nando Mello*



Projetos só são  
projetos quando  
seguidos de uma  
ação.

Do contrário são  
apenas idéias.

**MAKERZ**

[www.makerz.com.br](http://www.makerz.com.br)

# AGENDA CULTURAL

## Show Cyndi Lauper

Famosa nos anos 80 com músicas que agitaram as pistas de dança, a cantora americana Cyndi Lauper virá ao país em fevereiro para uma série de shows.

**Citibank Hall**  
25 de fevereiro  
Av. Ayrton Senna,  
3000  
Barra da Tijuca -  
RJ

## Festival Verão do Rio

A Marina da Glória, um dos mais belos cartões-postais do RJ, recebe exposições de produções cinematográficas, shows e outras atrações.

**Marina da Glória**  
11 a 27 de  
fevereiro  
Todos os dias  
Gloria - RJ

## Exposição Playmobil - O Rio no Verão é Forte

Além de traduzirem o eterno estado de ânimo da Cidade Maravilhosa, as palavras do poeta inspiraram os colecionadores de Playmobil a prestar uma divertida homenagem.

**Santo Scenarium**  
12 de fevereiro a  
13 de março  
Forte de  
Copacabana - RJ

**Dança**  
**Contact In Rio 2011**

Festival Internacional de Contato Improvisação, com atividades onde acontecem oficinas Jams, além das ruas durante a semana ao ar livre.

**Centro Coreográfico do RJ e Centro Cultural José Bonifácio**  
6 a 13 de fevereiro  
Tijuca e Gamboa - RJ

**Teatro**  
**Romance Sem Palavras**

Baseado nas correspondências e na obra de Frédéric Chopin, a peça conta a história da relação amorosa entre o compositor e a autora George Sand.

**Centro Cultural dos Correios**  
23 de fevereiro a 20 de março  
Shopping da Centro - RJ

**Banal**

Banal troca pincéis e pigmentos por pessoas; a tela pelo tempo e pelo espaço. Assim, os cinco atores, elementos desta instalação fictícia vestidos em trajes de gala e de guerra, se alternam entre a interpretação dos personagens.

**Mezanino do Espaço SESC**  
Até 27 de fevereiro  
Copacabana - RJ



**CRASE**